

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

RAFAEL BORGES TEODORO

**A ARTE ENTRE DOIS EXTREMOS:
O CRÍTICO E O BANAL**

CRICIÚMA

2016

RAFAEL BORGES TEODORO

A ARTE ENTRE DOIS EXTREMOS: O CRÍTICO E O BANAL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Jéferson Luís Azeredo

CRICIÚMA

2016

RAFAEL BORGES TEODORO

A ARTE ENTRE DOIS EXTREMOS: O CRÍTICO E O BANAL

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 22 de junho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Jéferson Luís Azeredo – Mestre em Educação- (UNESC) - Orientador

Prof^a. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais - (UFSM)

Prof. Alex Sander da Silva – Doutor em Educação- (UNESC)

Dedico esta pesquisa a minha mãe, que trabalhou muito em sua vida, com um esforço incansável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, e toda minha família.

A meu Orientador, Jeferson, que de certa forma foi o mediador dessa pesquisa e nela tem suas contribuições.

As queridas professoras e professores de todo o curso de Artes Visuais, que sempre apoiam e tranquilizam o estudante.

Gratidão para Odete, sempre falando, vai dar tudo certo, e pelo carinho da professora Angélica.

Agradeço ao professor e coordenador do curso, Marcelo Feldhaus, por sua dedicação em ensinar e estimular o aluno.

Ao meu amigo Lucas, mais conhecido como “Barba”, pela ajuda nas revisões da pesquisa.

Obrigado a todas as amigadas que fiz durante o curso.

“Em uma sociedade decadente, a arte, se for verdadeira, deve também refletir decadência. E a menos que queira quebrar a fé com sua função social, a arte deve mostrar o mundo como mutável. E ajudar a mudá-lo.”

Ernst Fischer

RESUMO

A presente pesquisa intitulada – “A arte entre dois extremos: o crítico e o banal” - se insere na linha de Processos e Poéticas: Linguagens. Do Curso de Artes Visuais – Bacharelado (UNESC). De natureza básica e abordagem qualitativa a pesquisa tem como objetivo analisar os possíveis meios de linguagens comunicativas que supostamente banalizam e desvalorizam os sentidos. Começo introduzindo meu percurso pessoal em sociedades distintas, no Brasil e Estados Unidos, falo sobre minha vivência pessoal nos Estados Unidos e a dificuldade de comunicação verbal de início. Toda a experiência acadêmica junto a minha vivência em diferentes sociedades me conduziu a explorar a teoria e crítica da arte com relação as sociedades. Analiso as influências da arte nas histórias das sociedades. Introduzo os principais autores dessa pesquisa Walter Benjamin e Theodor Adorno ambos fortalecem a pesquisa, Adorno de forma mais crítica e Benjamin mais democrático. Mostro alguns exemplos de obras de arte usados para meios de propaganda e publicidade. Abordo o lado mais crítico com a indústria da cultura, massificação, e influencias das mídias.

Palavras-chave: Banalização. Reprodutibilidade. Acessibilidade. Crítico. Sociedade

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pintura rupestre de Ubirr (c.40000 a.c)	16
Figura 2 - Tarsila do Amaral "Abaporu" (1928).....	18
Figura 3 - Raoul Hausmann "O crítico de arte" (1919)	20
Figura 4 - Apropriação da obra de Tarsila do Amaral para propaganda	24
Figura 5 - Imagem de Marilyn Monroe para comercialização de cigarro	26
Figura 6 - Pagina do livro "The Medium is the Massage"	28
Figura 7 - Propaganda antissemita	31
Figura 8 - Pôster antissemita, a legenda diz "Os judeus são como piolhos"	32
Figura 9 - Capa do filme "O Judeu Errante" (1940).....	33
Figura 10 - Carlos Cruz Diez "Chromosaturation" (2010).....	40
Figura 11 - Carlos Cruz Diez "Chromointerférence" (2010).....	41
Figura 12 - Fotografia de produções e documentos do pesquisador	43
Figura 13 - Fotografia de produção do pesquisador.....	44
Figura 14 - "Autorreflexão" (2016) Exposição na Sala Edi Balod. UNESC.....	44
Figura 15 - "Autorreflexão" (2016) Exposição na Sala Edi Balod. UNESC.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
PMC	Prefeitura Municipal de Criciúma
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
TCC	Trabalho de Conclusão do Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PRIMEIRO CAMINHO	15
2.1 UM PRIMEIRO PENSADOR: WALTER BENJAMIN	20
2.2 OUTRO GRANDE PENSADOR: THEODOR ADORNO.....	21
3 IMPACTOS À VIDA, À SOCIEDADE E AO HOMEM	23
3.1 UMA INDÚSTRIA DA CULTURA	23
3.2 MÍDIA	27
3.3 ARTE MASSIFICADA – CULTURA MASSIFICADA	29
3.4 DES-VALORIZAÇÃO	34
4 DEMOCRATIZAÇÃO E PENSAMENTO: O VALOR DA ARTE	35
4.1 ACESSIBILIDADE COM A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA	35
4.2 AURA E AUTENTICIDADE	37
4.3 PENSAR POR CONSTELAÇÃO.....	38
5 PRODUÇÃO	39
5.1 DESCRIÇÃO.....	42
6 CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXO(S)	50

1 INTRODUÇÃO

Em uma tentativa de lembrar meu contato com arte, acabo me levando a sala de aula aqui no Brasil em que tive meu primeiro contato através do desenho. Pelo que me lembro, isso foi com nove anos de idade. Aos dez anos tive uma mudança drástica onde fui morar, com meus pais e irmãos nos Estados Unidos, em que tive dificuldades de comunicação, pois, não entendia o que eles falavam. Só depois de algum tempo, acabei me acostumando com a cultura e escolas americanas. As aulas de Arte e Educação Física eram um refúgio para a pouca comunicação verbal, pois eram duas matérias em que me identificava bem. Continuei com os desenhos até os quatorze ou quinze anos, depois, deixando os de lado, pois as distrações e compromissos aumentaram, entretanto, não deixei de ter uma curiosidade pela arte.

Retornei para o Brasil aos vinte seis anos de idade, e a algum tempo depois entrei no curso de Artes Visuais na Unesc. No decorrer da minha experiência no curso, adquiri maior conhecimento sobre o “universo” da arte e suas transformações históricas.

A minha vivência em realidades “distintas”, aponta possível influência artística, em experiências realizadas durante o curso, acabou estimulando inquietações em compreender qual a relação entre arte e sociedade, suas influências sociais etc. Sendo difícil saber exatamente o porquê deste interesse pessoal, talvez seja pela coincidência de neste exato momento, com trinta e dois anos, eu ter vivido dezesseis anos nos Estados Unidos fazendo parte da cultura americana e dezesseis anos entre a cultura Brasileira, possa ter causado um conflito social e pessoal; a experiência da crise americana de 2008, e agora estando no meio da crise política no Brasil, como estudante de Artes Visuais, em pleno momento de TCC, me pergunto: como preservar o valor e o sentido da arte em detrimento a possíveis banalizações e desvalorização? O que está acontecendo que desvaloriza e banaliza a arte, e o que posso responder que reconhece e ressignifica a arte a partir do seu valor?

A banalização¹ está para os sentidos, porque a banalização é diminuí-los, estes que são: visuais, auditivos, paladares, táteis e olfativos. E através dos sentidos

¹ Banalizar é transformar "valores" caros em algo comum e sem importância. Banalização é algo que teve sua imagem desgastada, ou algo de importância que se tornou menos importante pela exaustão da repetição sobre um determinado assunto. "A banalização da violência", por exemplo, pode expressar que, de tão comum, algo tão sério acabou virando algo rotineiro. Igual a preconceito diminuindo o que não conhecemos. (Hannah Arendt)

e experiências pessoais, estimula-se os sentimentos e emoções. Isso acontece numa indústria que cria cultura, ou seja, não é natural, perdendo espontaneidade, se confunde arte contemplativa com artesanato industrializado, entretenimento, lazer, etc... Que são expressões do homem, mas acabam se encerrando na utilidade e função, Mara Salgado e Kety Valéria Simões Franciscatti em “Contraponto Entre Arte, Artesanato e Trabalho: A Falsa Diferenciação e a Atrofia Da Fantasia”, dizem que,

[...] o processo de produção artesanal vem cedendo ao mercado, que parece vingar-se daquele que tenta resistir à ordem da racionalidade tecnológica, transformando a manifestação da resistência em mercadoria sem valor, reduzida a um "fetiche" do mercado, e como tal, deve adequar sua produção para atender à demanda de consumo. Assim, teme-se que o trabalho artesanal esteja gradativamente passando, através do modo de produção e da determinação do mercado, a um processo mecanicista onde o artesão, destituído de sua subjetividade, torna-se instrumento de trabalho barato. (2011, p.08)

Diferentemente, assim, há banalização do valor simbólico, numa diminuição dos sentidos. O mercado capitalista consegue de maneira eficaz, comercializar várias expressões e criatividade humana de forma padronizada e repetitiva, como se fosse um artesão mecânico. Na nossa atualidade, uma impressora 3d seria uma forma de exemplo como artesã mecânico.

Partindo da suposição da banalização da arte, aqui compreendida como um processo em que ela se confunde facilmente com o meio, tornando-se apenas um produto “arte-útil”, numa instância de mercado, ou ainda dito como o “chato”, com o nada ou pouco sensível, com o despercebido, com o facilmente substituível, perdendo sua espontaneidade. Disto, emerge um diálogo que ressignifica a esfera do comum, do valor e do sentido da arte.

A banalização pode ser vista como uma dimensão social, porque passa principalmente, por um processo mediático, processo de massa, isso através da indústria cultural, termo abordado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, que será abordado posteriormente como base de entendimento sobre uma suposta desvalorização dos sentidos.

Com objetivo geral analiso entre os perigos da banalização da arte, em relação ao aspecto positivo que ela pode estar. Para sustentar esta pesquisa, volto a Walter Benjamin e Theodor Adorno, como fundamento teórico, são dois importantes pensadores do século da Modernidade, ligados, o primeiro instante a Escola de

Frankfurt², com diferentes e interessante perspectivas sobre as influencias sociais da arte na história da humanidade.

Para os objetivos específicos faço uma tentativa de compreender os impactos sociais da arte em relação a sociedade, irei caminhar por dois caminhos distintos, um pela ideia de banalização da arte conforme Benjamin, sustentados pelo conceito de reprodutibilidade técnica em grande escala, de obras de arte e o outro com Adorno em sua crítica aos perigos da banalização da arte a partir da indústria da cultura, com a intenção de abrir um caminho para reflexão.

Essa pesquisa permite uma compreensão ou uma expansão de conhecimento, para mim, bem como para outras pessoas interessadas na leitura desta problemática pesquisa. Visa-se trazer um diálogo para o leitor de diferentes pontos de vista, das armadilhas que podem ser postas através da banalização da arte, e também descrever seu lado positivo com a democratização e emancipação dela. Portanto, com a banalização da arte, afirma-se aqui, a ressignificação a partir do valor de contemplação.

Assim, a pesquisa em questão, se dá numa proposta de que “A arte entre dois extremos: o banal e o crítico”, inserida na linha de Pesquisa de Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais Bacharelado, da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

A natureza desta pesquisa delimita-se como pesquisa básica, com abordagem qualitativa, que segundo Appolinário (2004) tem como principal finalidade gerar novos conhecimentos científicos, sem preocupação com aplicação dos resultados de imediato. Classifica-se como pesquisa bibliográfica, buscando nos textos críticos a base para as análises realizadas. Assim diz Gil (2006, p. 65), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômeno muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” E essa pesquisa se fundamenta principalmente nos autores Walter Benjamin e Theodor Adorno. Mais adiante faço biografia sintetizada de ambos, sendo dois filósofos significativos e importante da modernidade, escrever

²A Escola de Frankfurt é um instituto para pesquisa social, no início com base marxista situado na Alemanha, de teoria social interdisciplinar, particularmente associada com o Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, iniciou no ano de 1924, passou por várias etapas e guerras mundiais, com diferentes filósofos, como Kant, Hegel, Karl Marx, Friedrich Engels, Nietzsche e vários outros. Teve principais membros, Theodor Adorno e Max Horkheimer, e como contribuinte importante Walter Benjamin, a quem são referenciados em minha pesquisa.

Fonte: <http://www.iep.utm.edu/frankfur/>

sobre eles requer muito mais espaço e conhecimento.

Já no início do trabalho faço uma autobiografia³, mostrando o percurso de um acadêmico-pesquisador, mas como o trabalho não se desdobra apenas com uma autobiografia, em seguida eu começo a indicar a minha pesquisa, fruto da minha biografia, o que é: como preservar o valor e o sentido da arte em detrimento a uma possível banalização e também desvalorização?

No segundo capítulo “Esclarecimento”, descreve sobre alguns elementos artísticos, como cor, para uso publicitários, e obras de arte. Introduzo algumas explicações de linguagens artísticas e conceitos. Descrevo a metodologia utilizada, inserindo os principais autores de minha pesquisa, com uma breve introdução de suas ideias.

Para o terceiro capítulo “Impactos Sociais” início a pesquisa sobre os possíveis meios de influências sociais, através de diferentes tipos de comunicação. Por exemplo mídia eletrônicas, propagandas, filmes e cultura. Apresento os conceitos massificação e alienação como possíveis impactos na sociedade.

No quarto capítulo “Democratização” começo a analisar os pontos positivos, com a acessibilidade da arte para todos, através do principal autor Walter Benjamin, em sua obra “ A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. Benjamin defende a libertação da arte de seus laços eruditos, assim emancipando a arte da burguesia, aproximando o proletariado de produções artísticas.

Inserido no quinto capítulo “Produção” estão as referências artísticas com relação a minha produção. Com a descrição da produção elaborada e instalada na Sala Edi Balod, (UNESC). Essa nova sala de exposição que foi adquirido com um enorme esforço dos coordenadores e professores do curso, foi uma experiência nova ao nosso grupo de TCC, onde fomos os primeiros acadêmicos a usa-la como acadêmicos concluintes do grau de bacharelado em artes visuais da UNESC.

Finalizo no sexto capítulo com a conclusão da pesquisa, trazendo meus entendimentos e objetivos alcançados (ou não). Foi de grande satisfação toda a pesquisa, sabendo que sempre existe espaço para melhorar.

³ Autobiografia - Biografia escrita pelo próprio biografado.

2 PRIMEIRO CAMINHO

A arte não necessariamente tem ou exerce alguma função concreta, mas as linguagens artísticas são fortemente aproveitadas em função de algo na sociedade. Um exemplo seria as propagandas publicitárias que se apoiam em linguagens artísticas para a venda de produtos ou serviços. Segundo Pinho (2004, p. 132), diz que “a propaganda é um conjunto de técnicas e atividades de informação e persuasão destinadas a influenciar, num determinado sentido, as opiniões, os sentimentos e as atitudes do público receptor”. Essas empresas se apoiam principalmente na cor utilizada, usando estudos sobre os significados de cada cor, e como essas cores afetam as sensações e emoções do ser humano. Mas claro que não apenas a cor, a maioria das formas que estimulam os sentidos são exploradas por essas empresas.

Para Pedrosa (1999, p. 37) “O homem iniciou sua conquista pela cor juntamente com a sua própria consciência de ser humano, diferenciando as diferentes cores entre os animais e os vegetais, [...]”. Por mais primitivo que tenha sido o homem, com variedades reduzidas de cores disponíveis, usaram as cores como um meio de representações de seus costumes através da pintura. A (Figura 1) mostra uma pintura rupestre como exemplo.



Figura 1 - Pintura rupestre de Ubirr (c.40000 a.c)

Fonte: Retirado do livro Tudo sobre arte p. 17

Alguns exemplos de significados simbólicos de cor seriam, o vermelho como paixão, coragem, calor; o verde como, harmonia, natureza, saúde; o ouro como, riqueza, abundancia; o azul como cor fria, gelada e assim adiante, dependendo do contexto em que for usado. Pedrosa elaborou vários estudos sobre “cor”, segundo ele (1999, p. 17):

A cor não tem existência material: é apenas sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz sobre o órgão da visão. Seu aparecimento está condicionado, portanto, à existência de dois elementos: a

luz (objeto físico, agindo como estímulo) e o olho (aparelho receptor, funcionando como decifrador do fluxo luminoso, descompondo-o ou alternando-o através da função seletora da retina).

Se for uma imagem de um casal apaixonado pode-se usar o vermelho como representação do calor da emoção, mas também se for um ato de brutalidade, o vermelho pode ser também usado como uma representação sangrenta, tudo dependera do contexto da propaganda ou da produção artística.

Os estudos de cores como estimulador de sensações, não é nada novo, os artistas visuais usam da cor em suas produções para conectar o espectador a sua produção de maneira mais impactante e sensível.

Foi Leonardo da Vinci, o criador da primeira teoria relacionada às cores, onde nessa teoria desenvolveu formulações teóricas apresentadas em seus escritos, encontrados no livro Tratado de Pintura-Sobra e luz. Mesmo com seu foco principal relacionado à cor fossem os elementos da física, da química, à óptica e fisiologia, Leonardo da Vinci desenvolveu sua teoria direcionada principalmente aos pintores da época, que naquele momento eram os maiores interessados. De todas as descobertas de Leonardo da Vinci em relação à cor, a mais significativa foi importância dos contrastes de cores simultâneas, revelando a essência da beleza do colorido, resultado da ação de uma cor sobre a outra, mostrando ao mesmo tempo a relatividade de sua aparência. (PEDROSA, 1999, p. 134).

O exemplo abaixo, (Figura 2) mostra a obra da artista Tarsila do Amaral (1886 – 1973) intitulada “Abaporu”. Essas cores, parecem remeter, intencionalmente, as cores da bandeira brasileira. Tarsila valorizou o trabalho braçal, o corpo grande e desvalorizou o trabalho mental cabeça pequena na obra, pois, era o trabalho braçal que tinha maior impacto naquela época. Essa obra tem os impactos de cor e forma.



Figura 2 - Tarsila do Amaral "Abaporu" (1928)

Fonte: < http://tarsiladoamaral.com.br/?post_type=work&posts=all>. Acesso em: 5 jun. 2016.

Como primeira defesa, não pretendo esgotar o conceito de arte ou sua função, tal tarefa seria para outro momento, pois não existe um conceito fixo ou uma função concreta para arte, ao menos aqui compreendida. Segundo Coli (1995, p. 7):

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estéticas debruçou-se sobre o problema, procurando situa-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçom-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única.

A arte vive em constante mudança e transformação, não sendo estática, mas movimento. Diz Luiz Camilo Osório (2005, p. 64):

[...] a arte não veio para explicar, ou para confirmar, nada, mas para nos fazer pensar e falar. Jamais pensamos sobre o que já sabemos e sempre falamos para procurar saber. Assim criamos novos sentidos que nos situam em um mundo sempre plural e em transformação.

O que é arte hoje, poderá não ser arte amanhã, ela traz um meio de constante reflexão e aprendizagem.

Escrever sobre arte vai ao encontro do leitor com pouco conhecimento nas áreas artísticas, ou “nenhuma ideia” do que é arte e para que serve. Pode-se entender, a arte como uma linguagem, um meio de comunicação, podendo inspirar, transcender, refletir, expressar, ensinar, ou até mesmo se negar, como no movimento “Dadaísta”. Diz Benjamin a respeito dos dadaístas (1985, p. 191): “Os dadaístas estavam menos interessados em assegurar a utilização mercantil de suas obras de arte que em torná-las impróprias para qualquer utilização contemplativa”. Ao tentar romper os laços da arte como um produto comercializável e contemplativo acabaram se contradizendo.

Em contradição diz Farthing (2011, p. 413) “Embora os dadaístas professassem a antiarte, em 1920 organizaram a “Erste Internationale Dada-Messe” (Primeira Feira Internacional Dadaístas), como uma parodia das feiras de arte comerciais”. Um exemplo é a obra “O crítico de arte” de Raoul Hausmann (Figura 3), ele começou a fazer fotomontagens como forma de protesto e crítica a sociedade burguesa, com a intenção de mostrar um crítico de arte sendo comprado para influenciar em sua crítica. O movimento dadaísta ao negar a arte, virou arte.

Hoje vivemos na época de ênfase a arte contemporânea, em que traz ao espectador uma relação entre assuntos do cotidiano, que a maioria das vezes não é dado alguma importância. Como diz Benjamin (1985, p. 188) “Desfruta-se o que é convencional, sem criticá-lo; critica-se o que é novo, sem desfrutá-lo”. Isso talvez acontece devido ao medo do novo. Até mesmo uma pessoa sem nenhum interesse em arte é influenciada ou inspirada por linguagens artísticas muitas vezes sem perceber, por exemplo, música, dança, teatro, cinema, moda, pintura, fotografia, literatura e muitas outras.

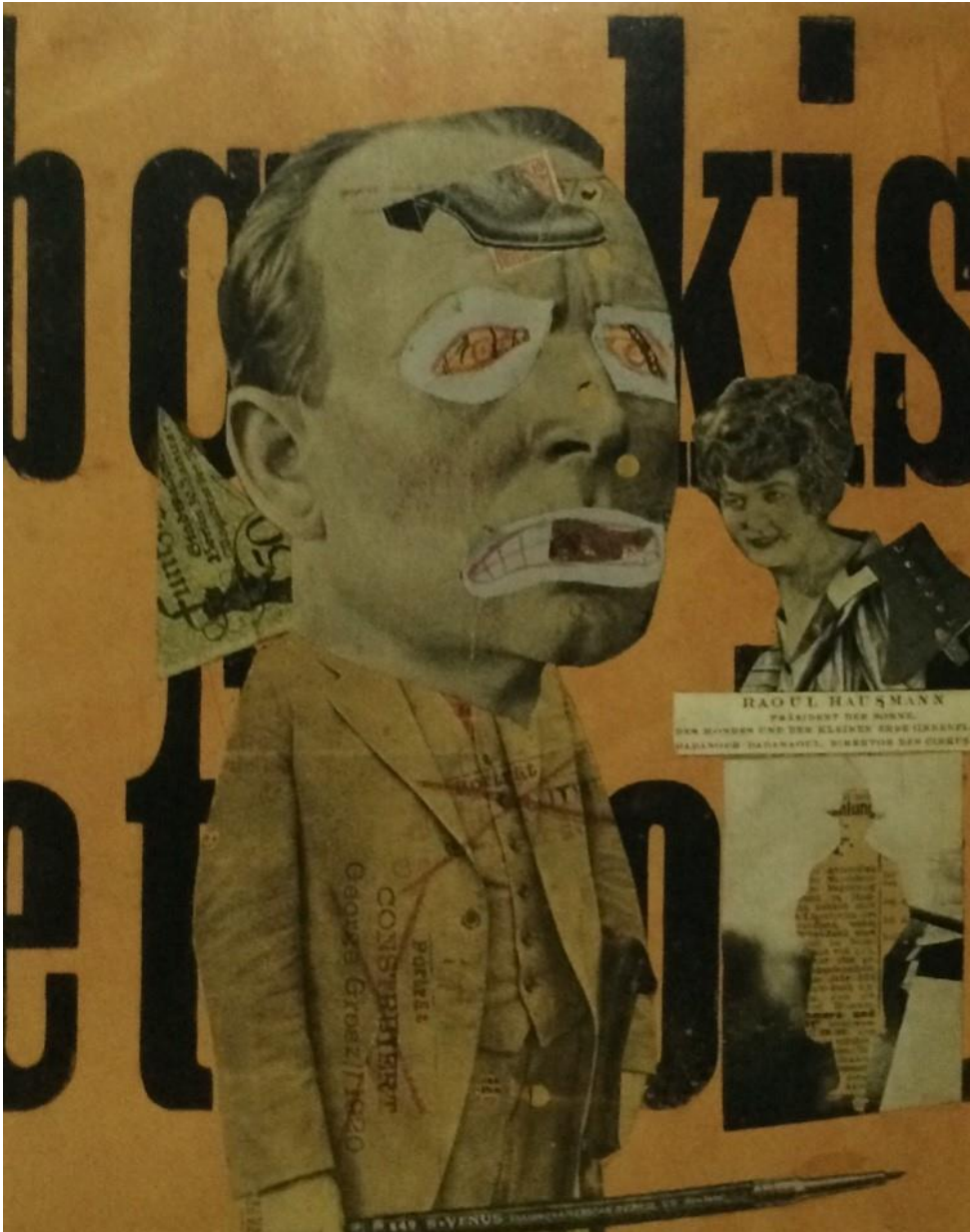


Figura 3 - Raoul Hausmann "O crítico de arte" (1919)
 Fonte: Retirado do livro Tudo sobre arte (2011, p. 413)

2.1 UM PRIMEIRO PENSADOR: WALTER BENJAMIN

Walter Benjamin⁴, nasce em 15 de julho de 1892, em Berlim, na Alemanha. Sua família é típica da burguesia judia. Benjamin se casa com Dora Sophie Pollak em 1917, tendo um único filho. Muda-se para Berna, na Suíça, para evitar o engajamento no exército alemão, em que conhece o filósofo marxista Ernst Bloch. Em 1919 defende

⁴ Informações do livro "Walter Benjamin Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política", Tradução Sergio Paulo Rouanet, editora brasiliense, (1985).

seu doutorado na Universidade de Berna, com o tema: “O conceito de crítica de arte no romantismo alemão”.

Nos anos 20, Benjamin tenta uma carreira no campo acadêmico, com algumas publicações em revistas de sucesso, como o ensaio sobre o livro de Goethe, “As afinidades eletivas”, publicada na revista *Neue Deutsche Beiträge* do poeta Hugo Von Hofmannsthal. Com esse sucesso Benjamin, aos 32 anos se dedica à sua tese de livre-docência, o famoso livro “Origem do drama barroco alemão”. Sua tese foi rejeitada para apresentação, assim Benjamin renuncia a carreira acadêmica.

A partir de 1925, Benjamin se vê com pouco suporte financeiro fazendo traduções literárias, como Baudelaire, Proust, Saint John e outros. Em 1933 Hitler é feito chanceler do Reich; inaugura uma caça aos comunistas e, também, aos judeus. Benjamin exila-se em Paris, com frequentes mudanças de endereço para conseguir quartos mais baratos, e vai a Ibiza, onde a vida é menos cara que em Paris.

No ano de 1934 se torna bolsista do Instituto de Pesquisa Social, mais conhecido como a “Escola de Frankfurt”, não sendo diretamente um membro da escola de Frankfurt, mas contribuinte respeitado, principalmente por Theodor Adorno e Max Horkheimer ambos associado a escola, construiu uma amizade com os dois. Benjamin e Adorno escrevem e enviam cartas com seus ensaios e críticas, em particular uma que estou usando nesse trabalho, o ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, que Benjamin começou a escrever em 1936 e publicada em alemão 1955, traduzido por José Lino Grunnewald e publicado em “A ideia do cinema”, (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969).

A respeito dos últimos anos de Benjamin, ouve um empenho que possibilitaria a emigração dele para os Estados Unidos, por Adorno e Horkheimer, mas este empenho como, igualmente, as tentativas de fuga da Europa, foram tardios demais. Existe ainda um certo mistério sobre sua morte constando que faleceu através de suicídio tomando uma dose letal de morfina no dia 26 de setembro 1940 na Espanha, ao tentar escapar do regime nazista.

2.2 OUTRO GRANDE PENSADOR: THEODOR ADORNO

Theodor Wieselgrund Adorno⁵, nasceu dia 11 de setembro de 1903 em

⁵ Informações obtidas do livro “Os Pensadores: Theodor W. Adorno”, Textos Escolhidos, Consultoria: Paulo Eduardo Arantes, editora Nova Cultural (1996)

Frankfurt atual Alemanha, filho de Oscar Alexander Wiesehngrund um prospero comerciante de vinhos com origem judaica, convertido ao protestantismo. Sua mãe fora Maria Barbara Calvelli-Adorno. Estudou filosofia, musicologia, psicologia, e sociologia na Universidade de Frankfurt. Antes do final de sua graduação, conhece já dois de seus principais parceiros intelectuais, Max Horkheimer e Walter Benjamin. Entre 1921 e 1932, publicou cerca de cem artigos sobre crítica e estética musical e conheceu Vilma, com quem se casou pouco tempo depois.

Como Benjamin também foi reprimido pelo regime nazista, quando Hitler foi feito chanceler do Terceiro Reich. Adorno refugia-se na Inglaterra e começa a lecionar na Universidade de Oxford. Depois de elaborar o estudo "Sobre Jazz" e outros acaba exilando-se nos Estados Unidos surgindo ali seu ensaio, sobre o Caráter Fetichista da Música e a Regressão da Audição.

Em colaboração com Horkheimer, em 1947 Adorno escreve a obra intitulada "Dialética do Iluminismo", ambos pela primeira vez empregam a expressão "Indústria Cultural". Por volta de 1950 regressa a Alemanha e participa da reorganização do Instituto Frankfurt, e publica o estudo "A Personalidade Autoritária". Considerado uma de suas obras mais importante, a Dialética do Esclarecimento, que estou usando como referência para minha pesquisa, que é uma crítica da razão instrumental, conceito fundamental deste último filósofo, ou, o que seria o mesmo, uma crítica, fundada em uma interpretação negativa do Iluminismo, de uma civilização técnica e da lógica cultural do sistema capitalista (que Adorno chama de "indústria cultural"). Também uma crítica à sociedade de mercado que não persegue outro fim a não ser a comercialização de tudo. Adorno continuou escrevendo e publicando até seu falecimento dia 6 de agosto de 1969 por problemas cardíacos. Seus ensaios tem uma forte ligação com música, onde estudou desde a adolescência.

3 IMPACTOS À VIDA, À SOCIEDADE E AO HOMEM

Descrevo neste capítulo os impactos sociais causados pela “indústria cultural”, “mídias eletrônicas” e através de ambos a “massificação” e “alienação” do homem, supostamente desvalorizando a arte.

3.1 UMA INDÚSTRIA DA CULTURA

O conceito “Indústria Cultural” foi introduzido por Theodor Adorno e Max Horkheimer em 1947, “O iluminismo como mistificação das massas” no ensaio “Dialética do Esclarecimento” para definir um sistema político e econômico que tem por finalidade produzir bens de cultura como filmes, música popular, programas de TV entre outros, através de linguagens artísticas, diz Adorno (apud AGUIAR, 2008, p. 38) com um tom de indignação:

A situação da arte é hoje aporética”. Ela se encontra num verdadeiro estado de paralisia, pois mesmo tendo se livrado das funções que outrora exercia – funções culturais, religiosas ou morais – o mundo capitalista soube atribuir-lhe um lugar específico no seio da realidade social. A arte acaba se integrando na rotina das mercadorias. Sua autonomia, conquistada a duras penas, se volta contra ela, sendo levada também a ser veículo ideológico do poder social.

Para eles esses bens culturais são produzidos para comercialização de produtos, e um meio de controle social. A indústria cultural transforma produções artísticas em mercadoria de consumo (Figura 4), assim tirando a essência e profundidade da obra.

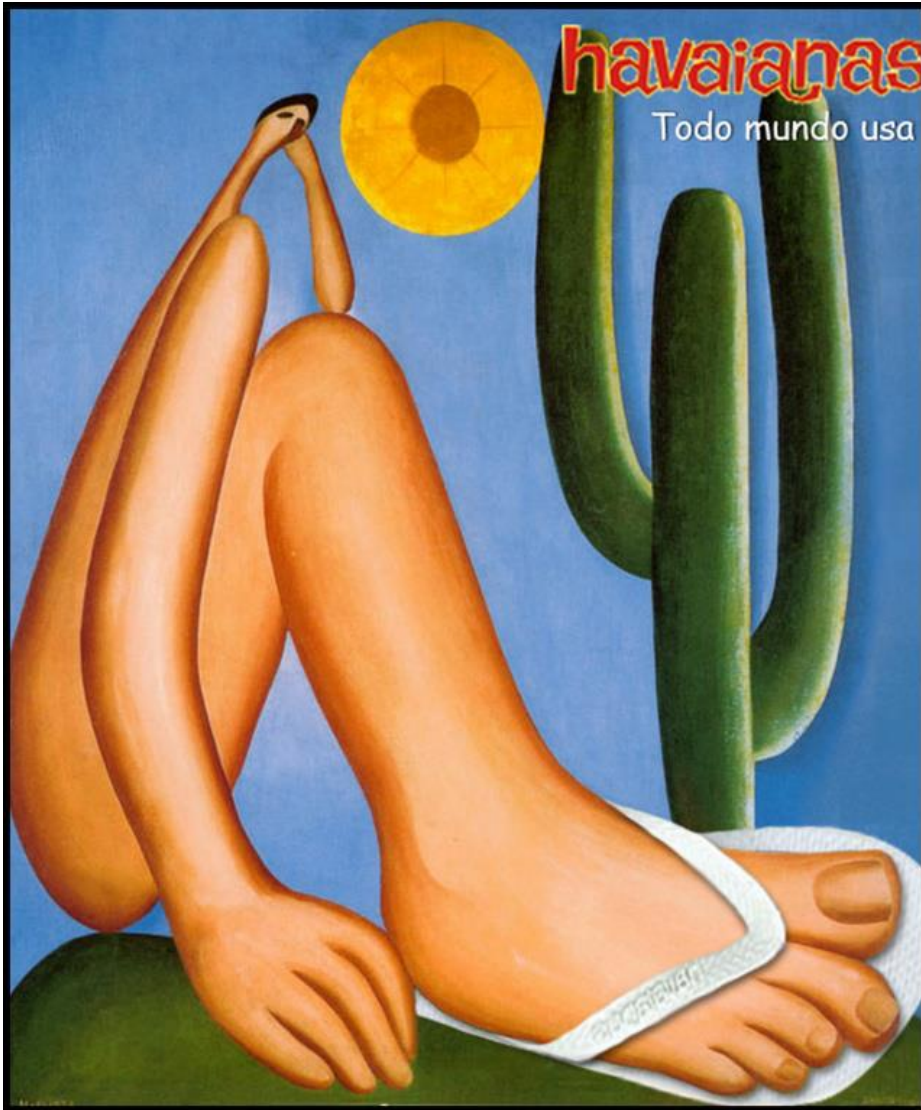


Figura 4 - Apropriação da obra de Tarsila do Amaral para propaganda

Fonte: < <https://itdesignblog.com/2012/08/24/havaianas-semana-de-arte-moderna/>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

Nesse caso a obra “Abapuru” de Tarsila do Amaral foi utilizada para fins de comercialização de um produto, o chinelo da empresa havaianas. Agora quando a pessoa ver esta obra de Tarsila do Amaral, em outro momento e local, talvez não contemplara diante dela, mas sim lembrara do chinelo havaianas, ou não. Essa provocação eu faço ao leitor para refletir.

As empresas de publicidade, se apropriam de famosas obras artísticas, como músicas ou pinturas de grandes artistas, e a associam a algum produto em série para consumo, assim quando a pessoa ouvir a música ou ver a imagem lembrara do produto comercializado, e acaba consumindo o produto de série e padronizado, como qualquer outro produto perecível. A música simplesmente ficou como um fundo despercebido.

Conforme Adorno (1983, p. 166), “[...] a música de entretenimento preenche os vazios do silêncio que se instalam entre as pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço e pela docilidade de escravos sem exigências”. Além da arte ser um produto de mercadoria acaba sendo um meio de propaganda de outras mercadorias, para Adorno o entendimento da Indústria Cultural tem como objetivo esclarecer a dependência e alienação dos homens, transformando a arte em entretenimento, um jogo, uma brincadeira. Padronizando os gostos e induzindo as pessoas a consumir qualquer produto até mesmo de baixa qualidade ou prejudicial à saúde, como (Figura 5) a propaganda de cigarro, através da imagem da estrela de cinema Marilyn Monroe, famosa atriz Hollywoodiana por sua beleza sensual, e vida pessoal controversa para sua época.



Figura 5 - Imagem de Marilyn Monroe para comercialização de cigarro
Fonte: Imagens Google. Acesso em: 5 jun. 2016.

Diz Adorno sobre a indústria cultural (1996 p. 8) “impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente”. Adorno acredita que o tempo de lazer deve ser usado para adquirir conhecimento, através de livros e música, assim conseguiremos mudar a sociedade. O mundo moderno trouxe um vício novo, o entretenimento, deixando nos distraídos e perdidos.

3.2 MÍDIA

Apesar de não ter vivido na era na expansão da internet, trago neste trabalho Marshall McLuhan pelo seu vasto conhecimento em mídias eletrônicas e linguagem literárias com relevância nesta pesquisa. Com esses avanços tecnológicos e mídias eletrônicas as sociedades estão se globalizando as pessoas são diariamente bombardeadas por imagens. McLuhan (1996, p. 63) diz “ Vivemos agora em uma aldeia global... um acontecimento simultâneo”, é como se nós estivéssemos vivendo em uma pequena aldeia, onde ocorre fofocas diárias, crítica da vida dos outros, não tendo necessariamente uma harmonia, mas sim um interesse “perverso” na vida dos outros, mas agora em uma escala global, é possível não só comentar sobre a vida do vizinho, mas também de vizinhos distantes.

Com esses avanços tecnológicos como a internet e suas mídias sociais a possibilidade de tornar em rede informações, se tornou extremamente rápida e acessível. Mas essa acessibilidade não deixa de vir com seus perigos, diz McLuhan 1977, “Mas nós vivemos num mundo em que temos muito poder... nos velhos tempos você podia puxar o gatilho e machucar pessoas, mas hoje, quando você dispara esta vasta mídia que a gente usa, você está manipulando populações inteiras”. McLuhan no “O meio é a mensagem⁶”, quando escreve isso, se refere as diferenças entre os meios de comunicação, uma mesma mensagem pode gerar impactos diferentes dependendo do meio em que foi transmitido.

Uma explicação melhor seria, pensa em ver o mesmo jogo de futebol, em meios diferentes, pela rádio e pela televisão, na rádio o narrador faz com que cada jogada pareça decisiva e excitante, agora o mesmo jogo visto na televisão poderá ter sido uma “pelada”, jogo chato, banal. Isso acontece em outras formas como a política, o meio que o político se apresenta ao público, poderá definir sua eleição e não sua mensagem. Se ele arrecadou ou tem bastante dinheiro para a campanha, poderá se apresentar em todos meios de comunicação, com uma aparência afinada, um ator em formação.

⁶ A palavra “mensagem” era para ser “mensagem” foi um erro de impressão que McLuhan adorou e decidiu não corrigir, para ele o importante não é o conteúdo, e sim o veículo que foi usado para transmitir a mensagem.

Fonte - <<http://www.marshallmcluhan.com/common-questions/>> acessado 06 de junho, 2016

Na imagem abaixo (Figura 6), uma foto da página 79 do livro do autor McLuhan, mostrando um político como uma estrela de cinema.

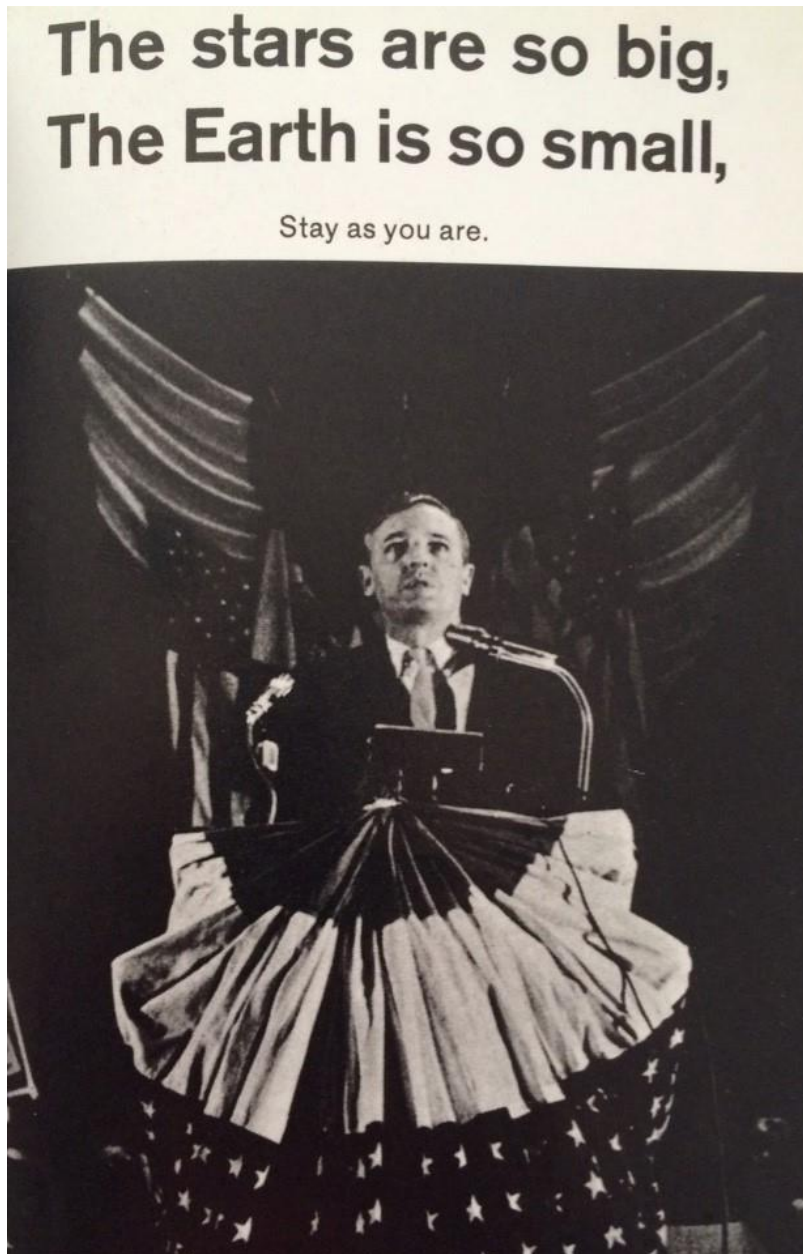


Figura 6 - Pagina do livro "The Medium is the Massage"
Fonte: Foto da página pelo pesquisador

Na parte de cima da (Figura 6) está escrito no português, “As estrelas são tão grandes, e a Terra tão pequena”, uma brincadeira onde é colocado um personagem acima de tudo, sendo um político, artista, ou outro personagem, mas a terra está pequena para tantas grandes estrelas. McLuhan diz (1996, p. 26):

Todos os meios de comunicação, trabalham sobre nós completamente. Eles são tão penetrantes no seu pessoal, político, econômico, estético, psicológico, ética, moral, e nas consequências sócias, que eles não deixam, nenhuma parte de nós intocado, não afetado, inalterado. O meio é a massagem. Qualquer entendimento de mudança social e cultural, é impossível sem o conhecimento dos meios de comunicação, funcionando como ambiente” (Tradução do autor)⁷.

De alguma forma, todos os meios de comunicação afetam e influenciam o ser humano e seu ambiente, esses meios são uma forma de mediador social.

Independente da sociedade, percebo através de uma perspectiva crítica a facilidade de manipulação das pessoas com esse meio de comunicação tão rápido e globalizado. Com a facilidade de informação imediata, muitas vezes ao invés de trazer liberdade e expansão do conhecimento ao ser humano, continua trazendo preconceitos, estereótipos, crenças dogmáticas, conflitos sociais. Sendo possível talvez reverter com conhecimento diz McLuhan (1996, p. 25), “There is absolutely no inevitability as long as there is a willingness to contemplate what is happening”, tradução do autor “Não há absolutamente nenhuma inevitabilidade enquanto houver uma vontade de contemplar o que está acontecendo”. Aquela velha frase em dizer, isso é inevitável possivelmente cairá através da contemplação.

Em geral McLuhan (1967) acreditava que a tecnologia de comunicação eletrônica está mudando como nos se relacionamos com uns e outros. As relações entre família na sociedade, seu trabalho, seu governo está em mudança, e precisamos rever esse aspecto. Inúmeras confusões e sentimentos de desespero emergem com as transições culturais com relação as tecnologias eletrônicas.

3.3 ARTE MASSIFICADA – CULTURA MASSIFICADA

A partir do entendimento geral da Industria Cultural, o processo sintetiza o que se compreende por “Massificação” que surge a partir da Revolução Industrial, especificamente quando a maioria das pessoas se agregam em trabalhos industriais poucos diferenciados e específicos, trabalhos repetitivos e igualitários, uma espécie de coletivismo subordinado. Ao massificar o homem, vai desaparecendo suas tradições, cultura, espiritualidade, e até mesmo perdendo seus gostos individuais.

⁷ All media work us over completeley, They are so pervasive in their personal, political, economic, aesthetic, psychological, moral ethical, and social consequences that they leave no part of us untouched, unaffected, unaltered. The médium is the massage. Any understanding of social and cultural change is impossible without a knowledge of the way media work as environments.

Conforme Adorno (1978 p. 47), “ O “ homem da massa” não tem mais um “gosto” com que avaliar, pois aquilo de que “gosta” foi-lhe imposto por todos os meios de propaganda e difusão: ele acaba gostando do que foi mais repetido”.

Outro efeito da massificação é a alienação do homem, quando alienado pode ser facilmente influenciado pela falta de educação adequada e conhecimento, deixando que outros decidam em seu nome, se fixando em um estado de dominação. Segundo Benjamin (1985 p. 192), “Para as massas, a obra de arte seria objeto de diversão, e para o conhecedor, objeto de devoção”. O homem da massa acaba cansado do seu trabalho e compromissos rotineiros, quando sobra um tempo de lazer, procura algo para preencher seu momento de liberdade, através de vícios, ou alguma forma de entretenimento, que se confundi com obras de arte. Segundo Wisley Francisco Aguiar em “Adorno e a dimensão social da arte” (2008, p. 39):

As massas estão mais ligadas a uma arte de entretenimento, que servia de “descanso”, assim, arte séria e arte ligeira se mostravam irreconciliáveis, mas a indústria cultural fez uma forçosa união entre essas duas esferas, cujo resultado se vê na banalização da obra autêntica. Em uma sociedade onde as pessoas acabam alienadas com todos os meios de comunicação em massa possíveis, os perigos são eminentes.

Existe um perigo sombrio que permite exercer a propaganda, através de produções artísticas manipulando as massas. Trago como exemplo, as propagandas nazistas, contra os judeus, em que ajudaram o partido nazista a adquirir apoio da população. Na primeira imagem (Figura 7), mostra o homem alemão como sendo forte, limpo, loiro, pele clara, um belo idealizado, capaz de juntar os inimigos do estado com sua força. Na (Figura 8), mostra o judeu de forma contrária, o cartaz divulgado na Polônia em 1941, para colocar medo na população, compara o judeu como um piolho na sociedade, que espalham doenças, isso para causar nojo e medo dos judeus.



Figura 7 - Propaganda antisemita

Fonte: <<http://collections.ushmm.org/search/catalog/irn3777>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

Hitler sabendo do potencial de ferramentas artísticas como meio de modular a opinião pública, criou o Ministério da Propaganda⁸ com Joseph Goebbels no comando, para ajudar na tarefa de conseguir apoio político da população e do mundo. Usou todos os meios de comunicação em massa possíveis, como filmes, documentários, livros, cartazes, jornais, revistas etc.... Sempre colocando o Judeu de forma cruel como um parasita da sociedade, um mendigo, difamando-o, culpando-o

⁸ O Ministério da Propaganda Nazista, foi criado por Hitler e dirigido por Joseph Goebbels, assumiu o controle de todos os meios de comunicação alemães: jornais, revistas, livros, exposições artísticas, músicas, filmes, rádio, reuniões públicas e comícios. As ideias que, os nazistas acreditassem que de alguma maneira ameaçassem o regime ou as convicções nazistas eram censuradas ou excluídas da mídia. Fonte: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007677>>

de vários problemas sociais da Alemanha e do mundo. Em suas propagandas antissemitas, os alemães eram colocados de forma superior, um herói, um ser perfeito, forte, alto, olhos claros, como o belo ideal, e os judeus eram representados de forma grotesca, comparados com ratos, expressões de fadiga, olhos fundos, corpo curvado, nariz grande e muito mais.

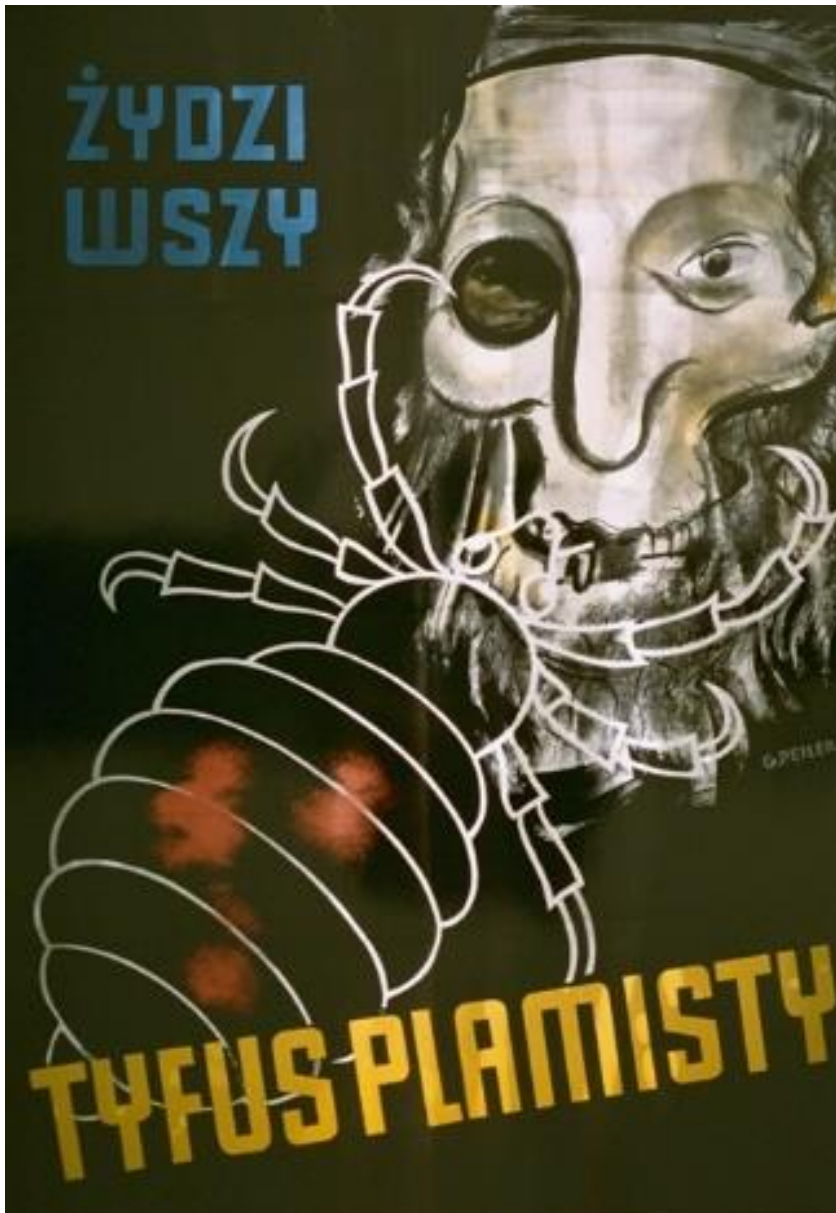


Figura 8 - Pôster antissemita, a legenda diz "Os judeus são como piolhos"

Fonte: < https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_ph.php?MediaId=1487>. Acesso em: 5 jun. 2016.

Goebbels ciente do poder do filme, usava-os como ferramenta para a manipulação em massa das pessoas, aterrorizando-os e influenciando-os. Diz Benjamin (1985, p. 190), "muitas deformações e estereótipos, transformações e

catástrofes que o mundo visual pode sofrer no filme afetam realmente esse mundo nas psicoses, alucinações e sonhos”. Outro exemplo é a capa do filme de 1940 (Figura 9), chamado em Alemão Der Ewige Jude em português “O Judeu errante”.



Figura 9 - Capa do filme "O Judeu Errante" (1940)

Fonte: <<http://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1094120>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

Esse filme, no estilo de documentário, caracteriza o judeu como, vagabundo, andarilho parasita, que só pensa em dinheiro, onde até os judeus ricos vivem de maneira decadente, suja, doente, mostrando-o como uma raça grotesca, mostra a raça ariana de maneira contrária, como um trabalhador exemplar,

fisicamente forte, limpo e higiênico. Na imagem, percebe-se a face expressiva do judeu, com um enorme nariz, traços fortes no rosto, um tom de amarelo meio doentio, com olhar maligno, tudo isso é uma tentativa de generalizar o judeu como, ser humano do mal.

3.4 DES-VALORIZAÇÃO

O valor está para o indivíduo como sua experiência, formação, vivência e uma relação pessoal. Quanto a desvalorização transfere para o indivíduo uma pedagogia que forma sujeitos que já olham para a arte de maneira menos valorativa de sentidos. Essa desvalorização também acontece quando o artista produz qualquer coisa como sendo uma obra de arte, ele faz uma produção pouco elaborada, com uma história bem contada, o mercado vendo uma possibilidade de lucro, aceita qualquer coisa que seja possível comercializar elevando sua economia e muitas vezes diminuindo seu valor contemplativo, valor esse que abordaremos aqui.

Volta-se ao problema em que a banalização é enfatizada principalmente, pela grande mídia, como conjunto ideológico gerador de uma indústria da cultura. Nisso acabou por massificar e alienar o indivíduo, condicionando e desvalorizando seu olhar, não sendo um olhar dialético, criativo, aberto, questionador, e sim de mercado, utilidade, de dogmatização do homem da vida. A perda de reflexão, acaba por desvalorizar a arte no sentido de contemplação coletiva. Diz Karla Pinhel Ribeiro em “ A experiência estética em pontos de cultura”:

[...] o momento em que a Arte começou a ser nomeada com um A maiúsculo no início do século XIX, foi também o momento em que as obras de arte começaram a se banalizar em objetos comerciais e em decoração do mundo profano, o momento também em que os objetos do mundo ordinário começaram a ultrapassar a fronteira no sentido inverso para produzir novas possibilidades de distância artística a partir da própria proximidade e da mistura das coisas da arte e das coisas do mundo. (2007, p. 3)

O tempo pós-moderno supostamente rompeu as barreiras que separavam a dita “grande arte” das “artes populares” os meios artísticos estão entrelaçados e misturados, onde tudo é arte e nada é ao mesmo tempo. Essa fusão torna difícil em saber o que é arte, onde a arte para mim pode não ser arte para você, não existe parâmetros exatos para uma definição exata. Com isto em mente eu faço essa provocação ao o leitor, estimulando a pensar questionar, duvidar por si próprio.

4 DEMOCRATIZAÇÃO E PENSAMENTO: O VALOR DA ARTE

Nesse capítulo analiso a relação entre reprodução e democratização da arte, Conforme Farthing (2011, p. 432):

Magritte acreditava que o pensamento consciente é que conduz a uma ideia, e a ideia é o que importa na pintura. Ele explicou que, se o conceito essencial de uma pintura for viável, então a sua reprodução pode servir da mesma maneira que o original.

Um exemplo foi a xilogravura conforme Benjamin (1985, p. 166), “Com a xilogravura, o desenho tornou-se pela primeira vez tecnicamente reproduzível, muito antes que a imprensa prestasse o mesmo serviço para a palavra escrita”. Iniciou um meio de reprodução técnica, primeiramente com desenhos e posteriormente foi utilizada pela imprensa para produções de livros, etc.

4.1 ACESSIBILIDADE COM A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA

Benjamin escreveu principalmente sobre acessibilidade e reprodutibilidade no seu texto “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, em que destaca (1985, p. 166): “Em sua essência, a obra de arte sempre foi reproduzível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens”. Mas o foco de seu ensaio se refere a reprodução em massa de obras de arte com os avanços tecnológicos como a fotografia e o cinema. Com esses avanços a mão do artista não é mais necessária para a produção e reprodução de obras artísticas, assim acelerando o meio de divulgação em grande escala jamais vistos antes. Complementa Benjamin (1985, p. 167):

Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho aprende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral.

Não só a mão do artista é mais necessária para a produção, mas também a mão do artesão para a reprodução. O contato físico com a obra não é mais importante para a produção e reprodução, as técnicas estão mecanizadas.

Benjamin diz (1985, p. 167), “[...]mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra”. Na obra autêntica ou original existe vestígios de seu tempo e espaço, na obra reproduzida mecanicamente esses vestígios dificilmente serão possíveis de reproduzir. Em uma escultura ou pintura, ambos é possível fazer uma réplica bem próxima à original, ou analisar sua estrutura material cientificamente, tirando um pedaço da obra, ao analisar com processos químicos ou outros meios, cada obra revelará os materiais usados, e datados ao seu tempo, como um arqueólogo descobrindo a época e história de um vaso de argila descoberto.

Exemplo de reprodução em grande escala de produções artísticas que não dependem apenas de técnicas manuais é a fotografia e o cinema. Feito um só original é possível reproduzir fielmente inúmeras cópias. Cita Benjamin (1985, p. 171), “[...] com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitaria, destacando-se do ritual”. Ele defende assim, a emancipação da arte de seus laços eruditos com a reprodução mecânica em grande escala, a arte se tornou mais democrática e acessível servindo para todos e não somente a um seletivo grupo de pessoas como a burguesia.

Benjamin defende a libertação da arte de suas funções religiosas e das mãos burguesas, não sendo totalmente ingênuo de seus perigos onde cita (1985, p. 171), “[...] no momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se a produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política”. Antes da era da reprodutibilidade técnica o espectador tinha que ir ao encontro da obra como uma escultura dentro de um templo ou uma pintura no museu, a obra em si era um objeto de culto.

Por isso Benjamin traz o termo aura como um meio de explicação da arte singular ou sacra, com a destruição da sacralidade aurática a arte acaba desmistificada e se afasta de sua função religiosa do mito e se inseri no racional e político.

Benjamin parecia otimista sobre uma possível liderança política do proletariado com a democratização da arte, em vez de servir a um seletivo grupo a arte atinge a sociedade como um todo, através desses novos instrumentos de

reprodutibilidade como a fotografia e o cinema se constrói um meio de comunicação em massa usando o como um veículo de intervenção social.

Por um lado mais crítico, sobre a reprodutibilidade técnica em grande escala Adorno percebe esses perigos sociais já visto antes nas histórias das sociedades. Segundo Aguiar (apud ADORNO p. 36), “A arte com vistas ao entretenimento não pode desempenhar o papel de emancipação do sujeito, uma vez que seu objetivo é ser “comercializável”. Para Adorno a reprodução em grande escala, não democratiza a arte, banaliza e descaracteriza, fez o público perder seu senso crítico e tornar um consumidor passivo, de todas as mercadorias anunciadas pelos meios de comunicação de massa. Benjamin (1983, p. 27) discorda dizendo: “A obra de arte, através da diversão, penetra nas massas, realizando tanto a função de diversão quanto de crítica social. O público de cinema seria, então, “um examinador que se distrai”.

4.2 AURA E AUTENTICIDADE

O conceito de aura tem suas raízes na teologia, no qual é usada para definir uma luz invisível que rodeia uma aparição. Benjamin utilizou desse termo para distinguir no sentido de autenticidade e originalidade. A obra de arte original tem um relacionamento com seu tempo e espaço, em que a arte reproduzida mecanicamente perde essa essência diluindo assim sua aura. Define Benjamin (1987, p. 167) “Em suma, o que é aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja”.

Um exemplo de autenticidade é uma escultura, você não vê o esforço do artista para fazer tal peça, mas você sabe que suas técnicas manuais foram o que deram vida a sua produção artística. Mesmo que alguém tente copiar dificilmente vai ser fiel ao original.

Me lembro de algumas experiências pessoais ao ver obras originais em museus, por exemplo Salvador Dali um pintor que aprecio, quando tive a oportunidade de ver o original me trouxe uma percepção totalmente diferente de quando via suas obras por revistas e livros. Fiquei surpreso com os tamanhos das obras e suas cores, comecei a imaginar o seu ambiente enquanto pintava, me fazendo várias perguntas porque, como, aonde, quanto tempo. Claro que isso poderia ser apenas uma ilusão da imaginação, sabendo ali que estava diante de uma obra de arte com um

reconhecimento notório de um grande artista, mas não posso negar uma certa influência na imaginação que tem o original.

Para Krauss (idem, Canton 2002): “[...] a busca de originalidade e autenticidade estão sendo progressivamente engolidas e perdem seu lugar e sentido em um mundo gerado pela informação midiática e pela reprodutibilidade virtual”.

4.3 PENSAR POR CONSTELAÇÃO

O conceito de constelação emprestado por Benjamin, conforme diz Martin Jay (1988, p.16) é: [...] um termo que Adorno tomou emprestado de Benjamin para designar uma agregação justaposta, mais do que integrada de elementos mutáveis que resistem à redução a um denominador comum, a um núcleo essencial ou a um princípio gerador original”. E depois elaborado com mais profundidade por Adorno em “Dialética Negativa”, como uma forma de pensar, no pensamento por constelação, o sujeito pensa sem uma razão fixa linear, uma compressão sem razão formal.

Segundo Cohn (1999, p. 24) Adorno não busca a verdade no objeto “[...] por golpes brutos, destruindo as arvores da floresta...ao invés de abater as arvores, Adorno é o homem que vai examinar a nervura das folhas”. Ele não toma algo como verdade absoluta, pois sabe que não existe apenas um só caminho para a verdade. Sabe que cada conceito pensado pode se modificar com a combinação de outros conceitos. Isso dá abertura, para autorreflexão e emancipação. Cohn (1999) expõe em uma de suas palestras: o pensamento adorniano significa “ pensar adiante-pensar além, ou seja, não interromper o pensamento, não parar só no momento reflexivo, mas continuar...é preciso continuar, é preciso ir além, é preciso incansavelmente ir além! ”.

Com o pensamento por constelação, se pensa as ideias de forma fragmentaria, como estrelas suspensa conectada por linhas, linhas que podem trazer a conexão de vários ângulos. Segundo Adorno & Horkheimer (1980, p.104) “A constelação é, sobretudo, o entendimento do objeto como mediação e não como um dado imediato”. Talvez chegando à beira do conhecimento, e não à o conhecimento por concreto. Para Luis Pérez Oramas (idem 2013, p.173) “Se as obras de arte produzem sentido por relações, o destino delas é ser constelar, isto é, quando alguém entra em contato com a obra, imediatamente pensa em outra. Ninguém olha para ela sem criar relações”.

5 PRODUÇÃO

A produção artística “sem título” foi desenvolvida após muitos estudos e pensamentos para constar na exposição coletiva da turma da 8ª Fase do Curso de Artes Visuais Bacharelado, realizada na nova sala de exposição Edi Balod dentro a UNESCO, dentre os dias 21 de junho a 04 de julho de 2014 como requisito para defesa do TCC.

Após estudar as teorias e críticas no total desta pesquisa adquirir um maior conhecimento sobre o assunto tratado até em tão para elaboração de uma produção artística com relação a essa pesquisa. Irei usar os estudos na área de pintura, colagem e escultura no campo expandido de Rosalind Kraus (2007), “Caminhos da escultura moderna”. Cecilia Almeida Salles (2009, p. 90) fala sobre o ato criador como “[...] um contínuo processo de formalizar a matéria, com um determinado significado e de uma determinada maneira, no âmbito de um projeto estético e ético. Uma ação sensível e intelectual”.

Como referência artísticas usarei os estudos de Carlos Cruz Diez onde tem uma relação com minha produção, inserido na linguagem de arte contemporânea, que aproxima o espectador com a criação artística. O exemplo abaixo (Figura 10), mostram a produção do artista Carlos Cruz-Diez intitulada “Chromosaturation”. Essa produção tem como objetivo causar no espectador uma experiência de distúrbio na retina, ativando os sentidos visuais, causando estranheza entre o ambiente e o espaço.



Figura 10 - Carlos Cruz Diez "Chromosaturation" (2010)

Fonte: < <http://www.cruz-diez.com/work/chromosaturation/2010-to-date/>>. Acesso em: 5 jun. 2016.



Figura 11 - Carlos Cruz Diez "Chromointerférence" (2010)

Fonte: < <http://www.cruz-diez.com/work/chromosaturation/2010-to-date/>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

A ideia principal de minha produção é estimular os sentidos através da interação com o espectador. Me apropriei de elementos visuais que estimulam os sentidos, como cores e luz. Segundo Martha D'Angelo em "A crítica de arte como gênero e conceito" (apud VIGOTSKI 2010 p. 212)

A separação autor/obra é um dos traços mais característicos da crítica de Vigotski. Segundo a sua concepção, a realização da obra só acontece de fato com a participação do leitor, pois é ele que torna possível, através de uma leitura pessoal, a significação do texto. Próximo de Marcel Duchamp e de sua afirmação de que o espectador faz o quadro, Vigotski também admitia a

possibilidade do crítico-leitor fazer revelações sobre a obra que o próprio autor nem sequer suspeitava.

Como não sei exatamente ainda a reação do espectador, e como ficara a produção no espaço, irei explicar da melhor maneira possível. Todo esse trabalho é um experimento que será melhor analisado depois de vivenciado através da exposição para abrir um diálogo crítico e analítico, sobre os objetivos se foram ou não alcançados.

5.1 DESCRIÇÃO

A produção será composta por duas partes, a primeira através de uma moldura pendurada na parede, essa moldura terá fixo no centro um bocal, com uma lâmpada forte projetando a luz para frente. Na frente do bocal terá um suporte para pendurar discos de diferentes cores translúcidas, como plástico. Esses discos poderão ser removidos e reorganizados pelo espectador. Com cada combinação diferente de discos, uma cor diferente é projetada no espaço do ambiente. O espectador tem a possibilidade de interferir no tom do ambiente.

Para a segunda parte irei compor uma colagem, que será colocada no lado oposto da moldura com a projeção de luz, segundo Barbara Kruger (apud CANTON 2002, p. 68): “Fazer arte é materializar sua experiência e percepção sobre o mundo, transformando o fluxo de momentos em alguma coisa visual, textual ou musical. A arte cria um tipo de comentário”. A colagem será composta por fragmentos de minhas produções (Figura 12) artísticas, fotografias, documentos, e anotações, da minha experiência vivenciada. Os elementos que irão compor minha colagem, serão um meio de autorreflexão, que estimulam os sentimentos e emoções, refletir sobre o passado é uma tarefa árdua, só no começar a separar os elementos a ser usado já bateu uma tremedeira, cada pedaço ali analisado me levam a um tempo e espaço, á a memória, revelando os erros, as angústias, os medos, as falhas, a insegurança, os problemas, a coragem, e outros sentidos, que muitos têm medo de refletir. A intenção é preservar o ato de contemplação, eu faço uma tentativa de estimular o espectador a refletir com fragmentos, como se estivesse lhe dando um livro, e arrancado algumas páginas.

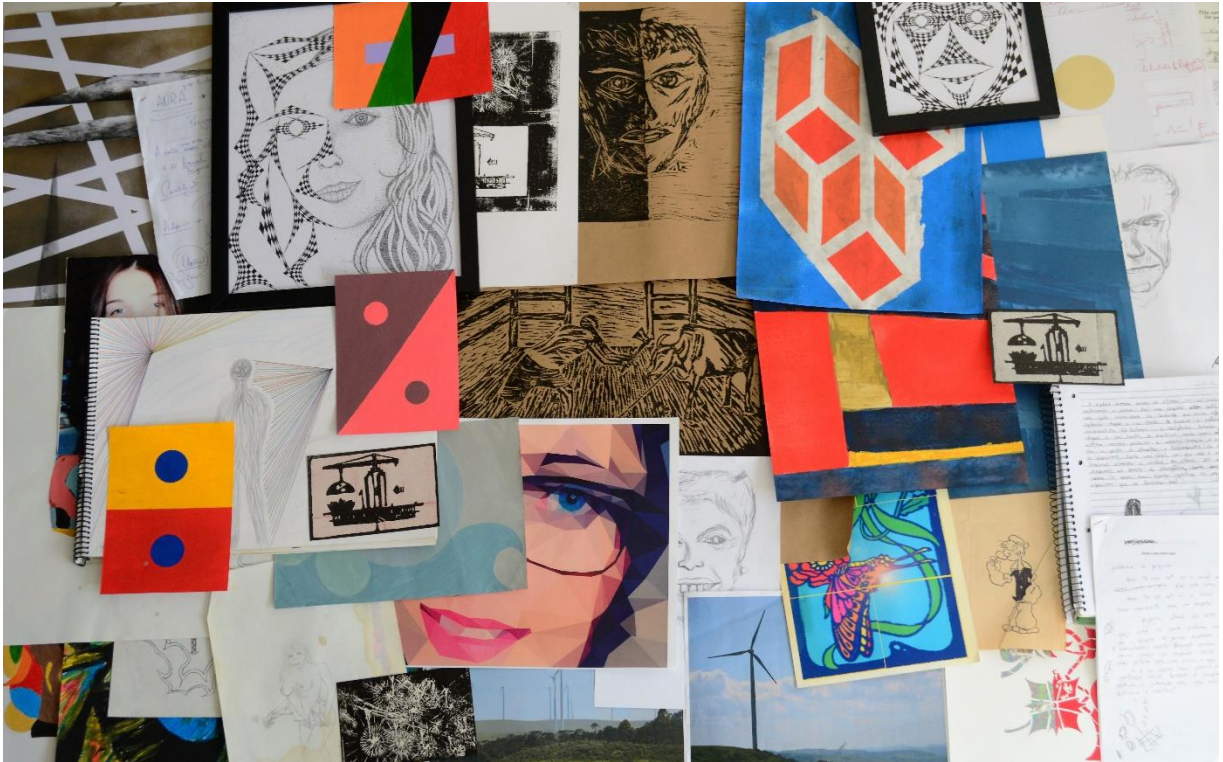


Figura 12 - Fotografia de produções e documentos do pesquisador
 Fonte: Acervo do pesquisador

Segundo Linda Suzana Maciel Poll (apud MATTOS, 2005, p.108): “Arte é linguagem que expressa sentimento, exteriorizada a partir do momento em que o artista transforma o material num receptáculo de seu pensamento”. Para ficar mais claro a colagem ou talvez seja “teçagem”, mostro um experimento (Figura 13) abaixo feito de recortes de diferentes texturas. Segundo Mário Pedrosa (idem DORACI GIRRULAT, apud MAKOWIECKY; CHEREM, 2013 p. 191): “Arte é o exercício experimental da liberdade”. Todos as produções, documentações, anotações, fotografias, e experimentos da figura 12, existiram como fragmentos.



Figura 13 - Fotografia de produção do pesquisador
Fonte: Acervo do pesquisador



Figura 14 - "Autorreflexão" (2016) Exposição na Sala Edi Balod. UNESC
Fonte: Foto do pesquisador

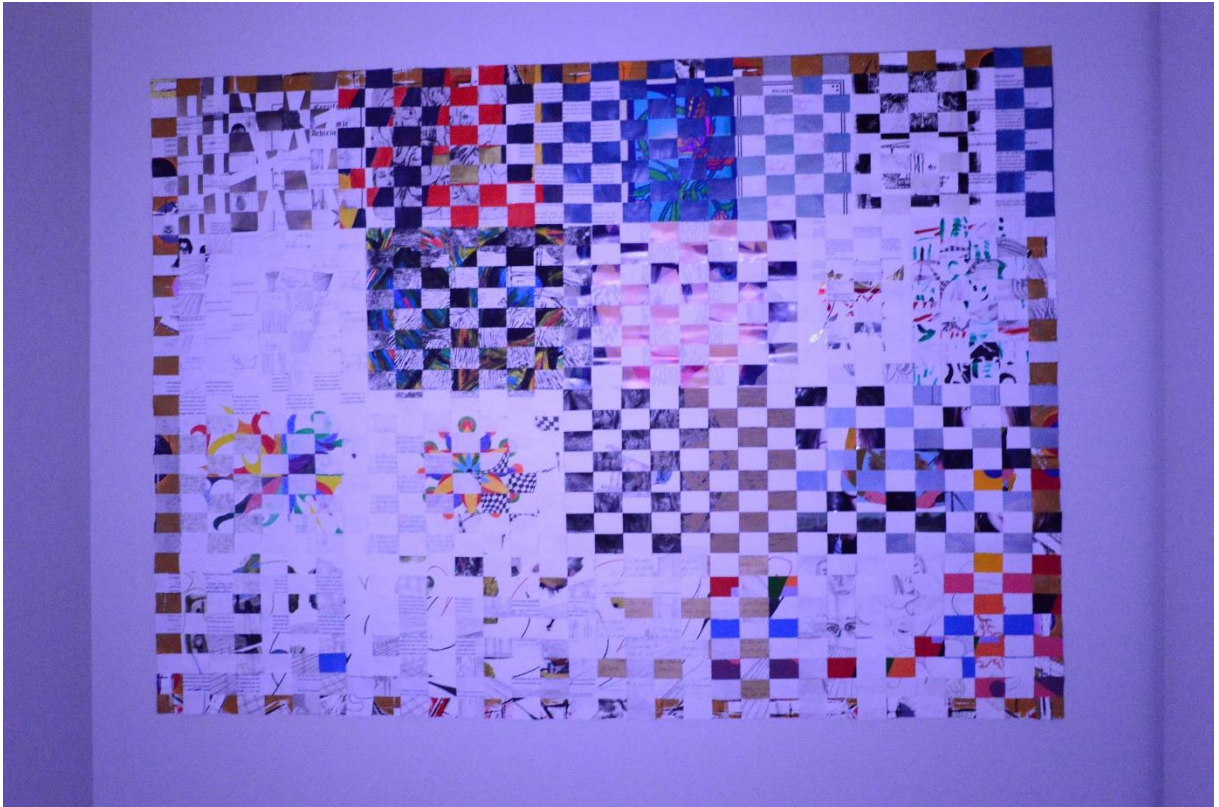


Figura 15 - "Autorreflexão" (2016) Exposição na Sala Edi Balod. UNESC
Fonte: Foto do pesquisador

6 CONCLUSÃO

Ao querer me desafiar intelectualmente, dei um passo maior que a perna, sendo as vezes incoerente e contraditório, se falar sobre arte já é difícil, imagine pesquisar arte, filosofia, crítica, sociedade, massificação, mídia, em duas línguas, no mesmo contexto com os autores Benjamin e Adorno, e outros tantos igualmente importantes. Me vi muitas vezes querendo parar tudo, e recomeçar com outro assunto.

Lembro da pergunta que fez chegar a essa pesquisa, pode a arte mudar a consciência humana? Essa pergunta foi de maneira não concreta respondida, ela não necessariamente tem que fazer isso, mas consegue e as vezes faz, nem sempre intencionalmente ou positivamente.

Aprendi muito nessa trajetória, vejo a cor e muitos outros elementos artísticos como uma ferramenta de forte influência nos sentidos humanos. Obtive maior conhecimento sobre os efeitos da indústria cultura, através dos autores estudados. Vejo que é preciso diferenciar e valorizar a arte contemplativa. As pessoas estão muito distantes entre si, mesmo com esse meio de comunicação global, talvez perdendo a contemplação coletiva. Acredito que precisamos de mais contato, vivências culturais humanizadas.

Se essa pesquisa parecer negativa pelo lado crítico, não é essa a minha intenção. Acredito que existe uma grande diferença em fazer uma crítica e falar mal, e muitas pessoas confundem os dois. E não estou aqui para ser hipócrita, também gosto de entretenimento, como filmes, seriados, e outros, mas sei que existem outros meios de lazer que trazem conhecimento como, arte, documentários, história, filosofia, agora cabe à o homem pensar por si mesmo sem julgamentos, apenas contemplar a respeito das informações obtidas. Penso que o ser humano é capaz de muito mais do que estamos conformados em ver, a hora que despertamos, as possibilidades serão infinitas.

O meio de comunicação é um mediador social muito amplo que pode influenciar tanto positivamente ou negativamente na sociedade. Agora cabe à o espectador pensar, refletir, pesquisar, aprender, dialogar, para não ser facilmente manipulado.

Para preservar o valor da arte, é preciso valorizar os acontecimentos artísticos de olho bem aberto, se não o capitalismo engole e cuspe de volta como um produto. Diz Nicolas Bourriaud (2011, p. 15) “Para que essa cultura emergente possa

brotar das diferenças e singularidades, em vez de alinhar à padronização vigente, ela terá de desenvolver um imaginário específico e recorrer a uma lógica que não aquela que preside a globalização capitalista”.

Com os estudos de Benjamin vejo que a acessibilidade é fundamental para uma nova sociedade, onde todos participam e contribuam.

Os artistas também precisam se policiar em suas produções, para não produzirem lixo artístico, não deixando de ser criativo e experimental, mas quando se empurra algo para ser “obra de arte”, com pouco estudo e conhecimento, pode causar confusão e banalização dos sentidos, assim desvalorizando a arte. Para valorizar a arte é preciso preservar as ideias nela contida verdadeiramente, aprofundamento maior, sério, e não um olhar disperso. Falar eu sou artista está ficando esgotado e talvez caindo na banalização. Eu mesmo não sou confortável em dizer que sou um artista, eu faço produções artísticas, e minha produção para o fim desse trabalho só será possível analisar depois de exposto e aberto para críticas. Segundo Cauê Alves (2006, p. 16):

Mas isso é arte? Em vez de responder essa pergunta, talvez nos ajude compreender que ela pressupõe uma noção de arte que não corresponde exatamente ao que está diante de nós. Se muitos trabalhos presentes nesta bienal dificilmente se adaptam ao que em geral chamamos de arte, talvez seja porque definitivamente ela não seja mais um campo específico. A contradição é que quanto mais a arte se aproximar da banalidade do mundo em que vivemos e agir sobre ele, menos “artística” ela parece se tornar. E, por isso, essa questão não sairá tão cedo do horizonte.

Minha intenção é estimular os sentidos, veremos se irei alcançar, acredito que a produção por inteira é essa pesquisa no total.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 223 p.
- ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max. **Conceito de Iluminismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1980. (Coleção: Os Pensadores).
- ADORNO, Theodor W. (1996). **Teoria da semicultura** (N.Ramos-de-Oliveira, Trad.). Educação & Sociedade, 17(56), 388-411. (Obra original publicada em 1959). Ramos-de-Oliveira, Trad.). Educação & Sociedade, 17(56)
- AGUIAR, Wisley Francisco. **Adorno e a dimensão social da arte**. Revista Urutagua, Maringa, v. 15, p.35-41, abr. 2008.
- ALVES, Cauê. **Mas isso é arte?** Revista **Bien' Art**. Fundação Bienal de São Paulo.Out. nov. 2006, p.16
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história de cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 254 p.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante**: por uma estética da globalização. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 192 p.
- BRAGA, Paula (Org.). **Fios soltos**: a arte de Hélio Oiticica. São Paulo: Perspectiva, 2008. 362 p.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 131 p.
- D'ANGELO, Martha. **A crítica de arte como gênero e conceito**. Revista Poiesis, Rio de Janeiro, v. 15, n. 196, p.196-227, jul. 2010.
- FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. 576 p.
- Farthing, Stephen, **501 grandes artistas**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009. 640 p.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2006
- JAY, Martin. **As idéias de Adorno**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1988.
- KOTHE, Flávio René. **Benjamin & Adorno**: confrontos. São Paulo: Ed. Ática, 1978. 1978 p.
- KRAUSS, Rosalind E. **Caminhos da escultura moderna**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 365 p.

KRUGER, Barbara. *Novíssima arte brasileira: Um guia de tendências*. São Paulo; Iluminuras, 2002.

MAKOWIECKY, Sandra; CHEREM, Rosangela Miranda. **Fragmentos - construção II: imagem - acontecimento**. Florianópolis: Gráfica e Editora Coan, 2013. 224 p.

MATTOS, Tarcísio. **Construtores das artes visuais: 30 artistas de Santa Catarina em 160 anos de expressão**. Florianópolis: Tempo Editorial, 2005. 108p.

McLUHAN, Marshall. **The Medium is the Massage: An Inventory of Effects**. San Francisco, CA: HardWired, 1996. 160 p.

PEDROSA, Israel. **Da Cor a Cor Inexistente**. Rio de Janeiro-RJ: Léo Christiano Editorial LTDA, 7^o edição, 1999.

PINHO, José Benedito, **Comunicação em marketing**. Campinas, São Paulo, Papyrus editora, 2004.

RIBEIRO, Karla Pinhel, **A experiência estética em pontos de cultura**. PhD da Universidade de São Paulo, USP. Consultora da Discurso Editorial, USP Editora do Departamento da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo 2007

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2009. 171 p.

OSÓRIO, Luiz Camillo. **Razões da crítica**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. 70 p.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

MARSHALL mcluhan legendado. Austrália: Abc, 1977. Son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fvRMpS-aGLE>>. Acesso em: 1 jun. 2013.

ANEXO(S)

ANEXO – Repercussão do trabalho nas redes sociais



Primeira parte do trabalho do pesquisador
Fonte - Foto retirada do Instagram da Unesc1